

55

# ROCHA PEIXOTO

(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECÇÃO E NOTAS

de

FLÁVIO GONÇALVES

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL  
DE MATOSINHOS

1966





ROCHA PEIXOTO  
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

# ROCHA PEIXOTO

(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECÇÃO E NOTAS  
de  
FLÁVIO GONÇALVES

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL  
DE MATOSINHOS

1966

<b>CMPV</b>
BIBLIOT. MUN
Data 01.07.91
Num. 24594
Cota .....

8523

DEPOIMENTOS

Todas as notas precedidas do sinal (\*) são da autoria do organizador deste volume. As notas numeradas pertencem aos próprios textos seleccionados e transcritos.

## ERA UMA VEZ...

por João Barreira (\*)

Isto foi em 1884, quando o Instituto Escolar de S. Domingos, situado num casarão ao alto da pouco antes Rua da Sovela, se transformou na Escola Académica, com nova direcção, o Silva, o Domingos dos Santos. Ali affluu então um grupo de adolescentes que mais tarde foram reais valores, na literatura, na ciência, na política, no foro, — Eduardo Coimbra, o delicioso lírico dos *Dispersos*, ceifado pela tísica meses depois, António Nobre, Alexandre Braga que ainda no citado casarão fez o protagonista de um dramalhão que ali se levou à cena, *Gaspar, o serralheiro*, de tendências ingenuamente operárias. Mas foi quando a Escola se instalou na Quinta do Pinheiro, com suas sebes vivas de camélias, que apareceram Rocha Peixoto(\*\*), Ricardo Severo, Fonseca Cardoso, o trio que,

---

(\*) Trecho de um artigo publicado na revista *O Tripeiro*, V série, ano V, n.º 12 (Porto, Abril de 1950), pp. 269-273.

(\*\*) Anteriormente Rocha Peixoto frequentara, no Porto, o *Colégio de N.ª S.ª do Rosário*, situado na esquina da Rua do Rosário com a Rua do Príncipe (hoje Rua Miguel Bombarda). Este *Colégio* havia sido fundado em 1866 pelo P.e Francisco Maria Henriques da Silva Pereira, sacerdote muito ríspido e exigente, que o dirigiu até 1892 [Vide: — «Correspondencia entre leitores», in *O Tripeiro*, 3.ª série, n.º 22 (Porto, 15 de Novembro de 1926), p. 350; Roff — «O Collegio de Nossa Senhora do Rozario, mais conhecido pelo Collegio do Padre Francisco», in *O Tripeiro*, 3.ª série, n.º 23 (Porto, 1 de Dezembro de 1926), p. 356].

anos mais tarde, devia lançar esse monumento da *Portugalia* e, além destes, Hamilton de Araújo que já então preludiava as *Cantões de um boémio*. Foi então que se organizou o «Grémio Oliveira Martins», a esse tempo o nosso ídolo socialista das Águas Férreas. Ali o fomos buscar numa tipóia para ver a instalação do Grémio, com sua incipiente colecção mineralógica instalada pelo jovem naturalista Rocha Peixoto, e o seu retrato ao alto, a carvão, por Ventura Terra (\*). Mas, ai de nós! A sua defecção para

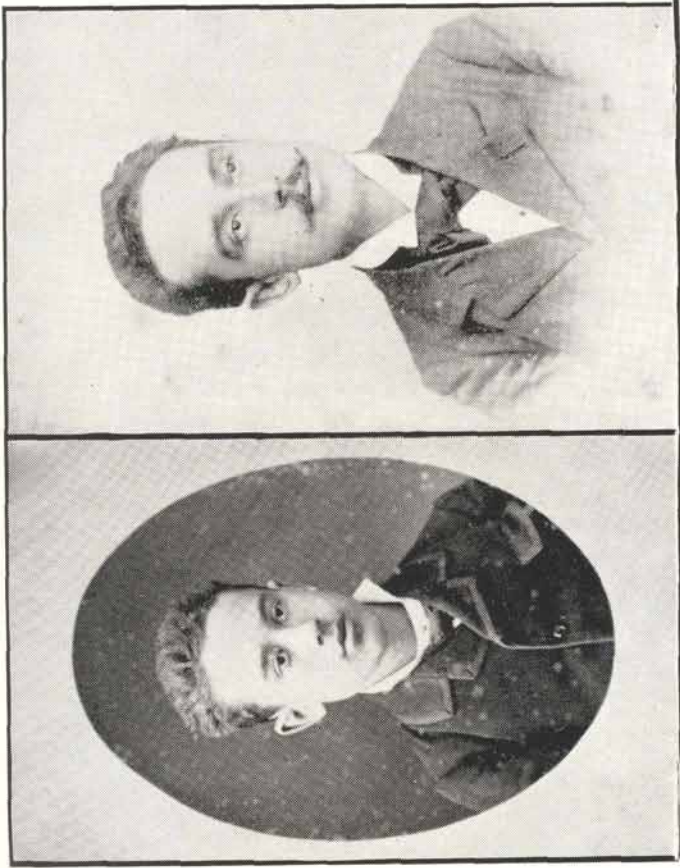
---

(\*) Acerca da fundação do «Grémio Oliveira Martins» — ao qual, inicialmente, se pensou dar a designação de «Club Escola Académica», e se chamou, depois, «Club Oliveira Martins» e, por fim, «Grémio Oliveira Martins» — são muito valiosos, sob o ponto de vista documental, os artigos que em 1884 e 1885 Rocha Peixoto publicou (tinha dezoito anos) no jornal povoense *A Independência* [Augusto Cezar — «Do Porto», in *A Independência*, da Póvoa de Varzim, de 13 de Dezembro de 1884 (pp. 1-2), de 20 de Dezembro de 1884 (p. 2) e de 7 de Março de 1885 (p. 1)].

Rocha Peixoto assinava então toda a sua colaboração na imprensa com os nomes *Augusto Cezar*. Na verdade, o nome completo do futuro cientista era António Augusto Cesar Octaviano da Rocha Peixoto, nome que chegou a usar em alguns documentos [Manuel Silva — «S. Miguel da Ala», in jornal *A Voz da Póvoa*, da Póvoa de Varzim, de 20 de Outubro de 1938, p. 2 (artigo reproduzido no Boletim Cultural *Póvoa de Varzim*, vol. II, Póvoa de Varzim, 1959, p. 72)]. Em 1884, quando Oliveira Martins ofereceu ao jovem Rocha Peixoto um exemplar das *Taboas de Chronologia e Geographia Historica* (Lisboa, 1884), deixou-lhe também na dedicatória o nome quase completo: *António Augusto Cesar da Rocha Peixoto*/Dignissimo alumno da *Escola Académica* (este volume, actualmente na Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim, tem no rosto a assinatura autógrafa de *Rocha Peixoto* e o local e a data de: *Porto, 5-10-84*).

Ainda sobre o aparecimento do «Grémio Oliveira Martins» há no jornal povoense *A Independência* mais duas notícias de interesse, não assinadas: uma, de Setembro de 1884, revela que Rocha Peixoto e outros alunos da nova *Escola Académica* se esforçavam por conseguir a montagem de um telescópio para amadores e a criação de mais uma aula de geologia e antropologia; a outra notícia, de Fevereiro de 1885, anuncia para 22 desse mês a inauguração, na mesma *Escola Académica*, do «Club Oliveira Martins»





Rocha Peixoto na adolescência e na juventude.

os progressistas deu-nos um tremendo baque, uma desilusão amarga à nossa pureza ideológica e então, com indignação juvenil, dissolvemos o Grémio e abatemos o retrato. É que o progressismo era para nós o símbolo da reacção monárquica, pelo seu procedimento no Centenário de Camões, em 1880, quando já no *António Maria*, Rafael Bordalo punha o Governo da época num pântano brumoso com o título: — *E cheiram mal!*...

As nossas reuniões do grupo, a que chamávamos o *Sinédrio*, faziam-se no meu quarto da Escola, onde uma vez, ao entrar, deparei com a seguinte quadra escrita a lápis por António Nobre na cal da parede, a propósito de um esqueleto que eu lá tinha num caixote debaixo da cama para estudar a osteologia da aula de Introdução:

*Alta noite ao luar, o pálido Barreira  
Diz, contemplando crâneo augusto dos avós,  
Quem me dera estudar na lívida caveira  
do Eça de Queirós!*

É que o grande romancista era já nesse tempo para nós o ídolo, idolatria que nunca desmereceu, antes se tornou mais forte por mais consciente. Efectivamente, pouco tempo depois, atrevi-me a procurá-lo no solar dos Pamplonas, em Santo Ovídio, e, quando chegado à Academia disse de onde vinha, os rapazes, Rocha Peixoto e Vasco Ortigão, olharam para mim como se eu tivesse uma auréola. E, como comecei a contar a visita, Vasco meteu a pasta debaixo do braço e exclamou:

— Bem, então falto a Mecânica.

---

[*Vide*: — «Util», in *A Independencia*, da Póvoa de Varzim, de 6 de Setembro de 1884 (p. 3); — «Club Oliveira Martins», in *A Independencia* de 21 de Fevereiro de 1855 (p. 1)]. Ambas as notícias devem pertencer ao poveiro Rocha Peixoto, colaborador do jornal.

.....

Por esse tempo (fechando esta diversão) o grupo dos moços que então poetava e ensaiava a curiosidade literária e científica, reunia-se em ágapes periódicos, numa ceia chamada *das alheiras*, porque tinha como principal acepipe este famoso e saboroso enchido trasmontano. Era de Chaves, da casa de minha mãe, que ele ia para a Rua da Paz, onde então morava Rocha Peixoto. A comparência era sagrada, porque considerávamos aquela reunião como um acto cultural de amizade, como um conclave para ensaiar teogonias, libando...

Um dia, o arredio Hamilton chegou um pouco tarde, batendo nos vidros da janela do rés-do-chão onde estávamos. Olhámos e vimo-lo de guarda-chuva! Clamámos em coro:

— Fora o apêndice Luís Filipe!

Mas Hamilton era necessário para o improviso obrigatório e, com efeito, findos os comestíveis e esvasiadas as canecas de loiça branca, escreveu ele no papel de embrulhar os bolos:

*Se alguém dissesse ao meu M.  
Que tanto adoro e venero,  
O que o meu coração teme,  
Se caio no desespero,  
Que abandonei o lirismo  
E os doces madrigais gratos  
Para dar-me ao realismo  
Destes banquetes baratos,  
Tendo a um lado o meu bom Nobre  
Ao outro o Barreira e o Brito,  
Uns belos tipos que cobre  
O vasto azul do infinito,  
Na minha frente o Peixoto,  
Amigo caro e leal  
Desse tempo de garoto,  
Desse tempo jovial,*

*Talvez que gritasse: — é incrível!*  
*O poeta que deve ser*  
*O sacrdário imperecível*  
*Da paixão de uma mulher,*  
*Calcar aos pés este affecto*  
*Por causa de um triumvirato*  
*E passar a noite, é abjecto!*  
*Neste banquete barato.*

É que os versos jorravam-lhe em caudal, com incrível facilidade. E agora lembro-me do que me dizia anos depois Gomes Leal, na sua casita da Senhora do Monte, em Lisboa, onde o fui ver com Joaquim de Araújo e D. João de Castro:

— Quando se é rapaz, os alexandrinos acumulam-se-nos por tal forma na cabeça que, de vez em quando, precisamos desovar!

E dava o exemplo de ter escrito o poemeto *O hereje* numa só noite.

Os anos iam correndo, era preciso fazer obra, materializar o esforço, exteriorizar as ideias. Foi então que nasceu a «Sociedade Carlos Ribeiro», como preito ao grande antropólogo que reuniu em Lisboa o famoso Congresso Antropológico e Literário, em 1880, aonde concorreram os mais ilustres sábios da Europa. Até o senhor de Quatrefages de Bréau, o célebre cientista francês, dizia em carta a Rocha Peixoto que tínhamos feito justiça ao nome ilustre do homem que admirara no Congresso. Ora desta Sociedade saíram cinco volumes, colaborados pelo que havia de mais notável na ciência etnológica portuguesa, Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Santos Rocha. Esta revista, prefaciada por Basílio Teles, era editada na Tipografia Ocidental, à Rua da Fábrica, graças à benevolência amiga de Costa Carregal, sendo a dobragem e expedição feitas por nós mesmos em casa de Ricardo

Severo, à Rua de Santa Isabel, com o adjuvante de uma cachaca africana que este nosso amigo ministrava. Essa obscura *Revista de Ciências Naturais e Sociais* foi o primeiro escalão para o palácio da *Portogalia*.

O nosso grupo continuava unido, as ceias eram religiosamente efectuadas no tempo das alheiras, e tanto que, estando eu em Paris no inverno de 1893, o ágape cumpriu-se porque minha mãe não deixou de mandar as alheiras a Rocha Peixoto, recebendo eu no Bairro Latino, então coberto de neve, um telegrama de confraternização do belo sol peninsular. Numa dessas ceias, ainda Hamilton, que morria no ano seguinte depois de ter traduzido admiravelmente em verso a *Carmen*, para o Ciríaco de Cardoso, manuscrito queimado no incêndio do Baquet, fazia o invariável improviso:

*A alheira, amigos, é o laço estreito  
Que nos reúne vai para dois anos,  
Embora o golpe cruel dos desenganos  
Nos atravesse lado a lado o peito.*

*Por isso em libações gratas e belas,  
Brinde-se aqui à saborosa alheira,  
Que ela assim nos reúna a vida inteira  
E que nos dê consolações singelas.*

Então, António Nobre não se quis ficar atrás e escreveu no cartucho dos bolos:

*Ó rosas por abrir, esplêndidos rapazes,  
Extáticos cismando à beira do caminho,  
Abri os corações assim como os lilases,  
Ao orvalho genial de uns cálices de vinho.*

Devo dizer que Peixoto e Cardoso eram exímios guitarristas, discípulos dos irmãos Antunes, tendo aquele

REVISTA  
DE  
Sciencias Naturaes e Sociaes

---

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

---

Directores — RICARDO SEVERO e ROCHA PEIXOTO

---

VOLUME I



PORTO  
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL.  
66 — Rua da Fabrica — 66

1890

O rosto do vol. I da *Revista de Ciências Naturais e Sociais*.

Redução de 12% do original  $\left(\frac{15,1}{17,1}\right)$ .

mesmo composto uma valsa chamada *Lavandisca*, delito da mocidade em que se lhe não podia falar mais tarde...

Pouco depois, este radiante grupo começou a dispersar-se, uns para a morte, outros para várias regiões do globo, mas ainda teve a dita das simpatias de Junqueiro que o quis conhecer, em virtude de umas prosas nossas publicadas no galante jornalzinho *O Intermezzo*, dirigido por outro fulgurante companheiro, o Eduardo de Artayett.

.....

As formaturas findavam, começava o êxodo para a vida, mas o fermento lá estava nesse grupo de impacientes curiosidades intelectuais, e a tradição, um momento interrompida, reatou-se estando eu já longe, com o regresso à Pátria de Ricardo Severo, o qual sobre os modestos alicerces da nossa primeira revista, mas com o mesmo espírito proselitico e o mesmo entusiasmo, lançava, com Rocha Peixoto e Fonseca Cardoso, a monumental *Portvgalia*, que os meios científicos da Europa exaltavam como um real presente da Ciência pura e nobre, resplendente auréola (bem cedo transformada em coroa de fúnebre imortalidade) desse grupo de moços que enobreceram a vida mental do Porto, do Porto da minha eterna saudade.

## ÍNDICE GERAL

	Págs.
<i>Prefácio</i> , por Flávio Gonçalves .....	7
<i>Principal bibliografia de Rocha Peixoto</i> .....	10

### DEPOIMENTOS

<i>Era uma vez...</i> , por João Barreira .....	17
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por Joaquim de Araújo .....	25
<i>Rocha Peixoto</i> , por Augusto Nobre .....	29
<i>O Rocha Peixoto</i> , por Vasco Ortigão de Sampaio .....	42
<i>Rocha Peixoto</i> , por A. D. [Avelino Dantas?] .....	47
<i>Rocha Peixoto</i> , por João de Barros .....	52
<i>Rocha Peixoto</i> , por Manuel Monteiro .....	57
<i>Rocha Peixoto</i> , por M. Vieira Natividade .....	64
<i>Recordação</i> , por José Pinho .....	71
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por António dos Santos Rocha .....	75
<i>Rocha Peixoto</i> , por Luís de Magalhães .....	78
<i>Rocha Peixoto</i> , por Júlio Brandão .....	84
<i>Rocha Peixoto e Ricardo Severo</i> , por Joaquim Costa .....	90
<i>A Biblioteca Pública do Porto</i> , por J. Pereira de Sampaio (Bruno) .....	103
[ <i>Rocha Peixoto</i> ], por Correia Pacheco .....	109
<i>In Memoriam</i> , por Monsenhor J. Augusto Ferreira .....	115
<i>Rocha Peixoto</i> , por Pedro Vitorino .....	119
<i>Rocha Peixoto</i> , por Raul Brandão .....	123

### MANUSCRITOS

<i>Duas cartas de Rocha Peixoto a Santos Rocha</i> .....	127
<i>Um projecto que Rocha Peixoto não chegou a realizar</i> .....	138
<i>Rocha Peixoto, coleccionador de arte</i> .....	152



## ÍNDICE DAS ESTAMPAS

	Págs.
<i>Rocha Peixoto na adolescência e na juventude</i> .....	18-19
<i>Reprodução do rosto do vol. I da Revista de Ciências Naturais e Sociais</i> .....	23
<i>Ex-Libris de Rocha Peixoto</i> .....	28
<i>Rocha Peixoto por 1907</i> .....	34-35
<i>Rocha Peixoto de capote</i> .....	50-51
<i>Ex-Libris da revista Portugalia</i> .....	54
<i>Rocha Peixoto, suas irmãs e o Dr. Manuel Monteiro</i> .....	60-61
<i>Três milagres do Bom Jesus de Matosinhos</i> .....	70-71
<i>Desenho encontrado no espólio de Rocha Peixoto</i> .....	73
<i>Cataventos reproduzidos por Rocha Peixoto</i> .....	81
<i>Rocha Peixoto cerca de 1909</i> .....	86-87
<i>Reprodução da capa dos fascículos da Portugalia</i> .....	97
<i>Retrato de Rocha Peixoto feito por António Carneiro</i> .....	100-101
<i>Dois pratos da colecção Moreira Cabral</i> .....	110-111
<i>Reprodução das Instruções Regulamentares do antigo Museu Municipal do Porto</i> .....	114
<i>A casa de Rocha Peixoto em Matosinhos</i> .....	122-123
<i>Fac-símile de uma carta de Rocha Peixoto</i> .....	131
<i>Os participantes da expedição antropológica à Figueira da Foz (1898)</i> .....	134-135
<i>Fac-símile de uma carta de Rocha Peixoto</i> .....	137
<i>Reprodução do plano manuscrito do Dicionário Popular</i> .....	145
<i>Contador do século XVIII que pertenceu a Rocha Peixoto</i> .....	152-153

ACABOU DE SE IMPRIMIR NA EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.DA NO DIA 25 DE AGOSTO DE 1966





«марáну» - porto